

São Paulo



Karla Aharonian*

O Dia da Mata Atlântica

Os 7,3% que restam dela precisam ser preservados

Amanhã (27 de maio) é o Dia da Mata Atlântica. Pode ser um dia para lembrar, para pleitear, para recomençar. Menos para comemorar. Reduzimos o imenso cobertor verde (que se estendia ao longo da costa, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, e continente adentro nas regiões Sul e Sudeste, indo até a Argentina e o Paraguai) a uma colcha de retalhos. De uma área original superior a 1,3 milhão de km² restam hoje apenas 7,3%.

O veloz processo de industrialização e urbanização sufocou a Mata Atlântica, antes já pressionada pelos ciclos do ouro, da cana-de-açúcar e do café. Localizada em uma região densamente povoada, onde vivem cerca de 108 milhões de habitantes em mais de 3.400 municípios, a Mata Atlântica está exposta diretamente a todo tipo de agressão.

A ONG SOS Mata Atlântica estima que, a cada quatro minutos, o equivalente a um campo de futebol é destruído (cerca de 5.000 m², ou meio hectare). Ou seja, a lamentável devastação do bioma não sob controle.

Na Mata Atlântica nascem diversos rios, além de milhares de pequenos cursos d'água que afloram em seus remanescentes. Sua região é cortada por grandes rios como o Paraná, o Tietê, o São Francisco, o Doce, o Paraíba do Sul, o Paranapanema e o Ribeira de Iguape, importantíssimos na agricultura, na pecuária e em todo o processo de urbanização do País, beneficiando mais de 100 milhões de pessoas.

Não é à toa que, em defesa da

Mata Atlântica, foram constituídas mais de 250 ONGs com o fim de preservar e contribuir para a regeneração do que resta de um dos ecossistemas mais ricos do mundo (abriga mamíferos inexistentes em outros ambientes), além de considerar a crítica questão da água, fundamental para a sustentabilidade.

A criação de Unidades de Conservação (UCs) tem-se mostrado a principal estratégia para a conservação de ecossistemas, mas ainda está longe do necessário. Na Mata Atlântica existem dois tipos de UCs: de proteção integral e de uso sustentável. As UCs de proteção integral têm contribuído para a garantia da proteção dessas áreas. Já as UCs de uso sustentável têm procurado conciliar os objetivos econômicos e os ecológicos.

Neste mesmo espaço, em fevereiro último, falamos com satisfação da aprovação, pelo Senado, do Projeto de Lei da Mata Atlântica (107/03), que dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica. Apresentado em 1992 pelo então deputado Fábio Feldmann, o PL recebeu 80 emendas e sofreu forte resistência da bancada ruralista. Ele estabelece incentivo econômico à produção sustentável. Cria estímulos financeiros para restauração de ecossistemas. Estimula doações da iniciativa privada para projetos de conservação. Regulamenta o artigo da Constituição que define a Mata Atlântica como patrimônio nacional. Delimita seu domínio. Proíbe o desmata-

mento de florestas primárias. Cria regras para exploração econômica. Voltou a Câmara dos Deputados para aprovação das emendas. Desde então vem figurando na pauta das sessões da Câmara, mas sem ser votado. Na próxima terça-feira (30/5) o PL volta à pauta da Casa.

Quem quiser se aprofundar no conhecimento das questões ambientais, econômicas e sociais da Mata Atlântica tem a oportunidade de participar neste final de semana, no Parque do Ibirapuera, do evento "Viva a Mata", que reúne, na marquise e nos auditórios, produtores, pesquisadores e militantes.

Conclamamos os formadores de opinião e a população como um todo a informarem-se sobre eventos relativos à data em sua região e a pressionarem seus deputados utilizando o manifesto constante do site www.sos-ma.org.br ou, confortavelmente, plantarem uma árvore na Mata Atlântica pelo site www.clickarvore.com.br – a um clique, um patrocinador faz todo o trabalho pelo internauta, da escolha das mudas ao acompanhamento de todas as fases do seu desenvolvimento da árvore.

É preciso fortalecer essa luta, pois esses 7% que restam da Mata Atlântica são muito frágeis e precisam ser preservados.

Aproveitemos o ensejo da data para refletir e agir.

*Gerente da linha ecológica EcoLeo, primeira revenda de madeira certificada da América Latina (karla.ecoleo@gmail.com – www.ecoleo.com.br)